

133

SERMÃO

NA

PROFISSAM DA MADRE SOROR
BRITES DA MADRE DE DEOS
filha de Fernão da Sylua de Sousa, & Me-
nezes, & de D. Guimar da Syl-
ua, & Mello.

PREGADO

Pello M. R. P. M. Fr. ANTONIO DOS AR-
CHANIOS Lente de Prima, & Ministro Pro-
vincial da Provincia do Algarve

NA CIDADE DE EVORA

Em dia de S. IOSEPH de 1664. estando o Sacramento Ex-
posto em o Conuento do Salvador.



EM COIMBRA,

Com todas as licenças necessarias,

Na Officina de THOME CARVALHO,
Impressor da Vniversidade, Anno de 1672.

Acusã de Ioão Antunes mercador de livros.

S E R M A O

N A

PROFESSAM D A MADRE SONORA
BRITZ DA MADRE DE DEUS
filha de Fernão de Siqueira de Sousa & Maria
mãe, & de D. Guimaraes de Siqueira
de S. Paulo.

P R E C A D O

Felto M. de P. M. F. de S. Paulo de S. Paulo
CHAVES de S. Paulo de S. Paulo
mãe de Fernão de Siqueira

N A C I D A D E D E S. P A U L O

Em 24 de Junho de 1884, no dia de S. João, a
hora de 10 horas da manhã.



F M COMBIA

Com a presença de S. Paulo de S. Paulo

de S. Paulo de S. Paulo de S. Paulo
Impressão de S. Paulo de S. Paulo

de S. Paulo de S. Paulo de S. Paulo

Ioseph autem vir ejus cum esset justus.

Matth. 2.



O dia em que se celebra a festa do Esposo da Mãe de Deos, dar hũa alma a Deos a mão de esposa, bem não pôde ser misterio, porém he felicidade (Soberano Senhor) No dia em que se celebra a festa do Esposo da Mãe de Deos, dar huma alma a Deos a mão de esposa, bem não pôde ser misterio, porém he felicidade: celebrar o melhor despoorio no dia do melhor esposo, não sò he felicidade, mas he misterio. Segundo a ordem das Estrellas do Ceo, ha dias em que se nasce com melhor estrella no Mundo; & se pera nascer ao Mundo ha estrellas, pera nascer ao Ceo, não vi eu nunca dia com melhor Estrella. Porque se o Planeta que domina os Astros, he o que influe em os nascimentos, o Santo a quem hoje se dedicaõ os aplausos, será o Sol, que neste nascimento influa. E se o Patriarcha S. Joseph, he o Sancto que hoje se celebra, sendo S. Joseph, segundo a doutrina de Augustinho o Sol da Igreja; a alma que hoje nasce pera Deos teve tanta estrella no dia em que nasce, que nasce pera Deos no dia do Sol, & segundo esta razão escolheo pera nascer o melhor dia. As melhores do dia fundõe nas assistencias do Sol, quando o Sol se encobre, logo o dia acaba, q̃ no tempo de Josuè pera durar o dia, foi necessario que parasse o Sol. O Sol fórma o dia bello, & S. Joseph Sol da Igreja, fórma hoje hũ bello dia; & he misterio, q̃ nasça esta alma pera Deos em dia taõ bello, nẽ tal dia podia faltar pera tal nascimẽto, porq̃ pera tais nascimẽtos haõse de escolher os dias, & os dias haõ de dizer cõ os nascimentos.

August. 10
9. serm. 8.

21
Achou Sancto Augustinho misterio, em que havendo Christo de nascer no mundo, nascesse em Dezembro, & havendo o Baptista nascer na terra, nascesse em Junho, & consultando as circumstancias de ambos os dias, & de ambos os nascimentos, achou que todas foraõ misteriosas:

Augustin
serm 22.
de sanctis.

Vt hic humilietur homo, natus est Ioannes, quo incipiunt decrescere dies, vt exaltetur Deus, eo die natus est Christus, quo incipiunt crescere dies. Nasce Christo no mundo, & nasce em Dezembro, quando os dias comecaõ a crescer, nasce o Baptista na terra, & nasce em Junho quando os dias comecaõ a minguar, mostrando nesta differença, que sendo o Baptista, & Christo os dous maiores sujeitos dos nascidos, o Baptista era menor q̃ Christo, Christo era maior que o Baptista, & pera que o dia dissesse como o nascimento; o Baptista que nasce pera menor que Christo, nasce em hum dia em que o Sol mingua, & Christo que nasce pera maior que o Baptista, nasce em hum dia em que o Sol cresce, & concordando as circumstancias do dia do nascimento com os privilegios dos sujeitos nascidos, mostrou o tempo esta concluzão: Estes dous sujeitos grandes haõ de nascer no mundo com esta differença, que o Baptista ha de ser menor que Christo, Christo ha de ser maior que o Baptista, pois ha de de qualidade dizer os dias com os nascimentos, que o dia do nascimento do Baptista ha de explicar a sua humildade, & o dia do nascimento de Christo, ha de explicar a sua mayoria. Christo ha de nascer em hum dia em que o Sol se alarga, *quo incipiunt crescere dies*, o Baptista ha de nascer em hum dia em que o Sol se encurta, *quo incipiunt decrescere dies*, porque estes sujeitos taõ grandes como o Baptista, & Christo, ares dias hauiã de dizer com os nascimentos, & pera taes nascimentos se hauiã de escolher os dias.

Pois se no dia do Esposo da Mãe de Deus offerre esta

esta alma a Deos a mão de esposa, se em dia tão bello, se
 dedica a Deos esta belleza? Se até o dia faz pella sua jus-
 tica, pois se dedica a Deos no dia de hum Santo justo?
 Que melhor dia podia escolher esta alma para nascer pe-
 ra Deos? Não podia escolher melhor dia, porque o me-
 lhor dia he o dia de mais Sol, & sendo São Ioseph o Sol
 da Igreja diremos, & com razão, que nasceu para Deos
 hum Sol no dia do Sol, no dia em que celebra a Igreja hum
 Sol por graça, nasce para Deos neste templo hum Sol por
 natureza.

Hora se o dia he dia de S. Ioseph, hora se não dia de S.
 Ioseph se sacrifica a Deos esta alma, a vida de S. Ioseph ha
 de justificar este sacrificio animado, porque nas virtudes
 deste esposo Santo, havemos de retratar as obrigações
 desta alma devota.

Muitas virtudes teve S. Ioseph (que hum Santo a
 quem Deos escolheo para guarda sua, de forte achava de
 ser Santo de grandes virtudes.) Muitas virtudes teve
 S. Ioseph, porém a que nelle encarece mais a Scriptu-
 ra, he a virtude da justiça: *Ioseph autem cum esset justus.*
 Eu aqui tenho o meu reparo, porque aqui formo a mi-
 nha duvida, & não se funda neyros, que em hum texto
 expresso *Non justificabitur in conspectu tuo omnis vivens,*
 diz David fallando com Deos, ni hum vivente se pode
 justificar diante de vós, & a variação da Varablos: *Nullus*
animus vivens coram te justus est. Pois se ningum se pôde ser
 vivente, & viver justo diante de Deos, com o aos olhos de
 Deos, ha São Ioseph vivente, & de São Ioseph justo?
 Ninguem pôde unir os privilegios de justo, com as pro-
 priedades de vivente diante de Deos, & São Ioseph diante
 de Deos veste propriedades de vivente, & logra privile-
 gios de justo, isto como pôde ser? Como pôde ser? Co-
 mo foi S. Ioseph.

Psal. 124.
 Variabilis
 in eadem
 loco.

437
 Duas vidas considero eu no homem, hũa vida em ordem à graça, outra vida em ordem à natureza; quem vive em ordem à natureza, vive para o Mundo, quem vive em ordem à graça, vive para Deos, & he esta a differença que se dá entre os homens homens, & os homens justos, que os homens homens vivendo à natureza, vivem para o Mundo, & os homens justos vivendo à graça, vivem para Deos, & estas morrem, & vivem juntamente, morrem, & vivem a hũa mesma passo os justos, porque para viverem à vida da graça, com que se vive para Deos, he necessario que morraõ à vida da natureza, com que se vive ao Mundo, & os desenganos com que morrem ao Mundo, seguraõ os atentos com que vivem para Deos vivendo às operaçoens da graça, morrendo às operaçoens da natureza. Se não olhai para a vida de S. Paulo.

Ad Galat.
 cap. 2.

Vivo ego, jam non ego, eu vivo (diz Paulo) vivo ego, & não vivo, jam non ego. Quem vive, não morre, quem morre, não vive, como vive logo Paulo quando morre, & como morre Paulo, quando vive? Se a vida supõe a negação da morte? Se a morte he privação da vida? Como logra Paulo a vida? vivo ego, no mesmo passo em que confessa a morte, jam non ego: elle mesmo da a tazim: vivit vero in me Christus. Viuia, & não viuia Paulo, não viuia, porque não viuia à vida da natureza, com que se vive no mundo, & viuia porque viuia à vida da graça, com que se vive para Deos, às operaçoens da natureza era Paulo morto, jam non ego, às accoens da graça era Paulo vivo, vivo ego, não viuia Paulo como homem homem, que vive para o Mundo, viuia como homem justo que vive para Deos: vivit vero in me Christus.

O que Paulo conta de sua vida, havemos nós de contar na vida de S. Joseph. Em S. Joseph havia graça, & havia natureza, & podia haver vida da natureza, & vida

da graça, porém de qualidade soube morrer à vida da natureza, com que se viue ao Mundo, que só viueo á vida da graça, com que se viue pera Deos, porque não viueo S. Ioseph como heo em homem, viueo como homo iustus. *Ioseph autem cum esset iustus.* Espoço foi S. Ioseph de Maria, & quem considerat a formalidade deste despoorio, achará nelle as naturezas diferentes, & achará as graças conformes; achará as naturezas diferentes, porque neste despoorio não houue as opotações da natureza, achará as graças conformes, porque neste despoorio só houue vniões de graça. Vniõe a graça de Maria á graça de S. Ioseph, vniõe a graça de S. Ioseph á graça de Maria, & por isso Maria, & Ioseph foraõ sujeitos taõ cheyos de graça, porque pera viuer aos effeitos da graça, morrerão aos effeitos da natureza, em fim que S. Ioseph foi hũ Sancto morto á natureza, foi hũ Sancto viuo á graça, & porque morreo á natureza, & viueo á graça, por isso foi iusto. *Ioseph autem cum esset iustus.*

Consítio segundo esta razão a justiça de S. Ioseph em viuer pera Deos, & em morrer pera o Mundo, em morrer pera a natureza, & em viuer pera a graça, porque com esta troca apurou a justiça de sua vida. Hora este prodigio da vida de S. Ioseph seta o primeiro, antes o vnico exemplo de hũa alma que no dia da sua festa offerrece a Deos a vida.

O dia em que se professa na Religiaõ he o primeiro dia da morte, & he o primeiro dia da vida de hum espirito religioso, porque se o dia da profissaõ he o dia em que principia hũa alma a viuer pera Deos, tambem he o primeiro dia em que principia a morrer ao mundo, principia a viuer a Deos pera apurar o estremo, principia morrer ao mundo pera confirmar o desengano. Porque a alma que professa pera esposa de Deos, ha de ser toda hum
extre-

extremo a vida de Deos, ha de ser toda hum desengano a vida do mundo, ha de parecer hũ hyeroglifico da vida, ha de parecer hum emblema da morte, & a razão disto he, porque o espirito que se dedica a Deos faz trono de Deos a sua alma, & ha de sentir a morte pera justificar a vida huma alma que se offerece a Deos por trono.

psalm. 18

In sole posuit tabernaculum suum. No Sol diz David acomodou Deos o seu trono; & pera que fez Deos o seu trono no Sol? Se pello luzimento? Tambem hũa estrella he luzida: se pella graça? Tambem hũa flor he graciosa: se pella riqueza? O ouro he o mais rico; pois porque não formou Deos o seu trono de ouro? Porque o não esmaltou de flores? porque o não compoz de estrellas? & o não compoz de estrellas, porque ha estrellas errantes, tambem o Sol he mudavel, se o não esmaltou de flores, porque a graça das flores murcha se, tambem a belleza do Sol acaba, se o não formou de ouro, porque não ha ouro sem fezes, tambem não ha Sol sem occasos, pois porque se não serve do ouro, porque se não val das flores, porque se não aproveita das estrellas? Hei de responder a esta pergunta. Nam formou Deos o seu trono de ouro, porque se o formara de ouro, fora mina: Nam esmaltou o seu trono de flores, porque se o esmaltara de flores, fora prado: Nam compoz o seu trono de estrellas, porque se o compuzera de estrellas, fora Ceo, & o trono, nem pôde ser Ceo, nem deve ser prado, nem ha de ser mina. Nam ha de o trono ser mina, porque ha mina acham se thesouros, & quem vive no trono ha de experimentar dispendios. Nam deve o trono ser prado, porque no prado se apurão delicias, & quem vive no trono, deve experimentar anfrãs. Não pôde o trono ser Ceo, porque no Ceo tudo são descansos, & em quem vive no trono, tudo são trabalhos, por isso não compoz Deos o seu trono de estrellas, por

isso não o esmaltoou de flores, por isso não o formou de ouro. Sim, mas pera que o poz no Sol? *In Sole posuit tabernaculum suum.* Quem ha de soltar a duvida, senão a mesma Sapiencia de Deos: *Sol oritur, & occidit,* diz Salas *Eccles. cap. 1.* não, o Sol he hum Planeta, que sente a morte quando logra a vida, formando os alentos da vida nos escandalos da morte, logra o Sol hũa vida morta, sente o Sol huma morte viva, quando pera nos vive, pera os Antipodas morre, quando pera nós morre pera os Antipodas vive, pois se o Sol he hum extremo da vida, & hum extremo da morte, seja o Sol escolhido pera trono de Deos, que somente a hum Sol que sente a morte pera lograr a vida, & logra a vida porque sente a morte, escolhe Deos pera seu trono: *In Sole posuit tabernaculum suum.*

Hũa alma a quem Deos escolhe pera esposa sua, fica trono de Deos no acto em que se despota, & pera lograr as excellencias de trono, ha de vestir as perfeçoens de Sol, que ao Sol escolheu Deos pera trono: *In Sole posuit tabernaculum suum;* pera ser Sol hũa alma a quem Deos escolhe, não basta a fermosura, he necessaria a perfeição. A fermosura he o credito dos Sois, que o mundo respeita, & a perfeição he o quilate do Sol a quem Deos escolhe. O Sol cada dia morre, & cada dia vive, & saltara ao credito da vida, se saltara ao sentimento. Tudo disse San Zenon Veronense: *Sol quotidie nascitur, eademque die moritur, denique ei admittitur ortus, si ei auferatur occasus.* Bem haja esta alma que hoje se dedica a Deos com tantas perfeçoens de Sol, com tantas excellencias de trono. Mas se o dia de hoje he o dia em que morre, & he o dia em que vive, tem prerogativas de Sol, não só na fermosura, mas na perfeição, em fim he Sol a quem Deos escolheu por trono: *In Sole posuit tabernaculum suum.*

S. Zeno Veronense. *Ser-mone 2. de Resurrect.*

Morre ao mundo hum espiritu religioso no acto da profissãõ, & sendo esta ley precisa a todos, em quem professa à vista de Deos Sacramentado, fica mais precisa. A mayor belleza à vista de Deos Sacramentado, não só ha de examinar a morte, mas deve entalhar a sepultura, a belleza à vista do Sacramento não só morre à vida do mundo, mas abre, ou deve abrir a sepultura, pera enterrar as vaidades mundanas.

Acaba Rachel a vida, que tambem a belleza he tributaria ao defengano; hauendo a experiencia formado tam uzual este damno, que já hoje não ha ninguem que o chore, po que já hoje não ha ninguem que o estrahie. Morre em fim Rachel, & sepultaõna em Bethlem: *Mortua est Rachel, & sepulta est in via, qua ducit ad Ephratam, haec est Bethlem.* Rachel foi figura da belleza humana, ou foi hũa das humanas bellezas, & neste sentido sem duvidar na sua morte, hei de reparar na sua sepultura, que só na sepultura he discreto o repato, porque só na sepultura he seguro o defengano. Não fora conveniencia, que Rachel hum extremo da belleza de Israel viua, fosse hum guardado thesouro na Corte dos Israelitas morta? Não era bem que a venerasse Sol nos occasos, quem a respeitou Aurora nos resplandores? Sepultemna logo em Hyerusalem, que de tanta belleza, só a Corte pôde ter sepultura. A Corte he patria de todos, & se todos viuaõ nos olhos de Rachel, sirva Rachel de defengano a todos os olhos, ao menos pera que em caso que todos chorem sua morte, não cequem de todo em chorar sua saudade, pois porque a não sepultaõ em Hyerusalem? Pera que em Bethlem he entalhaõ a sepultura? Por isso mesmo. Não vedes vòs que Bethlem he figura do Sacramento: *Domus pani in Matth. 2 ter petratum*, não vedes vòs que Rachel he a mayor belleza, pois à vista de Deos Sacramentado não só ha de examinar

minar a morte, mas deve entalhar a sepultura, porque se na sepultura as vaidades do mundo se enterraõ, á vista de Deos Sacramentado, todas as Rachas enterraõ, ou devem enterrar as vaidades, a morte, & a sepultura fãndous extremos, & se no dia da profissãõ quem tem a belleza de Rachel apura o extremo da morte, á vista do Sacramento deve confirmar o extremo da sepultura, por credito da vida a que se sujeita, ha de morrer ao mundo, & por divida a Deos Sacramentado que lhe assiste, ha de sepultarse a suas vaidades, que isto fez Rachel que vestio a mayor belleza, que isto deve fazer quem veste a belleza de Rachel: *Sepulta est in via que ducit ad Ephratam, hæc est Bethlem.*

Mas suppondo que morre, ou deve morrer hum espiritu religioso ao mundo, no dia em que professa na Religiaõ, preguntareis, & como pôde morrer à vida do mundo, quem ainda no mundo tem vida? Morrer à vida da natureza, & conservar a vida natural, parece implicacãõ. & se esta em todas as vidas he racional, na vida desta alma que hoje se offerrece a Deos, será cruel. Que acabe no mundo, quem nelle contou largos Outonos, parecerá justiça, mas que se resolve a deixalo quem nelle contou taõ breves Primaveraes, he crueldade, que se enganem os fructos será destino, mas que se defengam as flores, he sem razam, hora não he sem razam, antes he justiça. Vejamos a que deve observar quem morre ao mundo, consultando as operaçoens a que deve morrer. Humã alma que se dedica a Deos pera morrer a mundo deve morrer aos pensamentos mundanos, que pera conservar os alentos da vida da graça, he necessario morrer aos pensamentos da vida da natureza, & pera fugir à confusãõ dos pensamentos, he necessario que se negue à vista dos olhos. Consultemos a S. Joseph.

10
Vio São Ioseph na Senhora os sinaes de haver concebido, & afrontado dos pensamentos que podia ofender sua pureza, quiz negar-se a vista dos olhos: *Voluit occulte demittere eam*, pera fugir a confusão dos pensamentos: *Ne eum videret uxorem pregnantem in aliquam malam suspicionem declinaret*. Disse Theodoro. Se São Ioseph antes de avizado pello Anjo se não furtara a vista dos olhos, não pñdera furtar-se a confusão dos pensamentos, porque os pensamentos geraõse nos olhos, & haõse de reparar os olhos pera que parem os pensamentos.

Theodor.
in Evang.

Iob. ca. 31.

Pepigi fedus cum oculis meis ne cogitarem. Dizia o Sancto Iob, eu fiz hũ partido com os meus olhos, pera andar em paz com os meus pensamentos. E taõ unidos andão os pensamentos aos olhos, que he necessario reparar os olhos, pera que parem os pensamentos? Sim, pera fugir a confusão dos pensamentos: *Ne cogitarem*, he necessario fazer partido com os olhos; *pepigi fedus cum oculis meis*.

E que partido fará hum espiritu religioso com os olhos, pera que fuja aos pensamentos? Bastará que huma Religiosa não veja? Não basta que huma Religiosa não veja, porque tambem he necessario que hũa Religiosa senão deixe ver. Não basta que huma Religiosa não veja com os seus olhos, pera que morra aos seus pensamentos. Pera se negar aos pensamentos, não basta sò que não tenha huma Religiosa olhos pera ver, mas tambem importa, que não seja vista de nenhuns olhos. Dous exemplos tenho neste caso, & o primeiro he de São Ioseph.

Quando São Ioseph vio na Senhora os sinaes de haver concebido, não sò abaixou os olhos pera não ver a causa, senão que intentou o não ser visto, pera fugir

git aos effeitos: *Vult occulte demittere eam*. Bem p'de-
ra São Ioseph afflit com a Ser hera, & furtar os olhos
della, mas isto fora não ver, & São Ioseph não só ten-
tou o não ver, mas intentou o não ser visto, não só ten-
tou São Ioseph o não ver pera fugir aos agravos,
mas intentou logo o não ser visto, pera fugir aos
pensamentos: *Ne in aliquam malam suspicionem decli-
maret.*

Hũa alma que se dedica a Deos ha de trazer os pen-
samentos em Deos, & pera segurar os pensamentos em
Deos, ha de fugir aos pensamentos do mundo, & pera
fugir aos pensamentos do mundo, não só não ha de em-
pregar no mundo os olhos, senão que se ha de retirar de
forte, q̄ nam ponha nella os olhos o mundo; viu os o pri-
meiro exemplo em Sam Ioseph, leamos agora o segundo
em S. Paulo.

Alguem disse; & ainda em os nossos tempos, que cru-
cificar se Paulo pera o mundo, no tempo em que o mun-
do se crucificava pera Paulo: *Mili mundus crucifixus est,*
& ego mundo; que foi descredito da sua fineza, por em
eu neste caso julgo a sua fineza com mais credito. Quem
disse, que o crucificar se Paulo pera o mundo, quando o
mundo se crucificava pera Paulo era descredito de sua
fineza, considerou que se desenganara Paulo com o mun-
do, porque o mundo se desenganara com Paulo, &
porque o mundo deu as costas a Paulo, por isso Paulo
deu as costas ao mundo. Vento a consideração, mas
neste caso foim o cura advertencia. Paulo dando as
costas ao mundo, fixou os olhos em Deos, fixou em
Deos Paulo os olhos, pera se liviar do mundo aos pensa-
mentos, & pera segurar os olhos em Deos, accen na e-
dou a sua vida de forma, que não só foge à occasião de
trah por os olhos no mundo, senão que deu na traça de
que

P. Vieira
serm. são
Ioan. Bapt.

ad Galat.
cap. 6.

que o mundo não puzesse nelles os olhos, por isso Paulo dá as costas ao mundo, quando o mundo dá as costas a Paulo, se Paulo dera as costas ao mundo, & o mundo a Paulo não dera as costas, não vira Paulo ao mundo, mas ainda o mundo vira a Paulo, & Paulo igualmente se determinou a não ver, & não ser visto, & tanto que com este arrimar de costas, com este engenhar de cruces, nem Paulo podia ver o mundo, nem o mundo podia ver a Paulo, porque Paulo furtou os olhos ao mundo pera não ver, & fez com que o mundo tirasse os olhos d'elle pera não ser visto: *Michi mundus crucifixus est, & ego mundo.*

Todos os espiritus religiosos dão as costas ao mundo, mas nem a todas as Religiosas dá o mundo as costas. Nenhũa Religiosa vê o mundo, mas ainda algũas Religiosas no mundo se deixãõ ver. Porém neste Convento do Salvador, assombro da mayor modestia, protento da mayor clautura, sacratio da mayor religião, não ha Religiosa que veja, nem ha Religiosa que seja vista, & porque lhe faltaõ as vistas, por isso não ha verlhe faltas, antes lhe sobejaõ as perfeçoens, porque lhe faltaõ as vistas, de qualidade que as suas nunca vistas perfeçoens, consistem em nunca serem vistas; porque em não ver, & em não ser vista, consistem as nunca vistas perfeçoens de hũa esposa de Deos.

Quiz o Esposo copear ao vivo as nunca vistas perfeçoens de sua Esposa, & acomoda a belleza de seu collo, ou de sua alma, como querem alguns interpretes, à torre de David: *Collum tuum sicut turris David, que edificata est cum propugnaculis multis mille clypei pendens ex eo omnis armatura fortium.* O teu collo, ou a tua belleza, & perfeçaõ, he como a torre de David, que esta edificada com muitas traças, que esta cercada com mil escudos. Eu não reparo nos edificios da torre, só duvido nos instrumentos

mentos com que se defende: *Mile. clypei pendent ex ca omnis armatura fortium.* As armas desta torre só são escudos: Donde estão as lanças pera os botes? as setas pera os tiros? as espadas pera os golpes? fallando na guerra antiga; & na guerra moderna, donde estão as alcanzias pera os ataques? as pistolas pera os avareces? as peças pera os rebates? só com escudos se defende esta machina? só nos escudos abita a sua defesa este forte? só nos escudos segura a sua conservação esta torre? Sim, porque se esta torre era figura de hũa Esposa de Deus, só nos escudos consiste a sua defesa, & só nesta defesa consiste a sua perfeição. O escudo he hũa arma defensiva, que prohibe o ver, & o ser visto, pois dai por segura a torre que se defende com escudos, que lhe prohibe o ver, & lhe impede o ser vista. As Esposas de Deus, que todas são torres, que chegam ao Ceo, ou pera lá caminhão, não se defendem só com não ver, he necessario que não sejam vistas, & daqui vem que as melhores armas pera conservar-se na perfeição religiosa, são escudos que lhe prohibão o ver, & lhe enbarguem o serem vistas. As Esposas de Deus não hande ter olhos pera ver, nem hande ser vistas de nenhuns olhos.

E a mayor razão deste preceito, ou desta prematica, a meu ver, consiste em que a virtude maltrata-se com a vista dos olhos, a vista dos olhos he a destruição da virtude, a virtude vista com olhos deströese, & quando foge da vista conservase. O summo Sacerdote trazia prezas hũas romans na parte inferior da tunica que o cobria: *Ad pedes vero deorsum quasi mala punica.* Nestas romans, segundo a opinião dos interpretes, se simbolizavão as virtudes. A romã he figura da virtude, & que propriedades tem a virtude nesta figura? Muitas se o considerais. Estas romans andavão aos pés do Sacerdote, o que se traz nos
pés

pê foge dos olhos, & quanto a virtude foge da vista, tanto caminha pera a perfeição. Demais, que a romã he rayha dos fructos, mas os fructos da romã conservaõse em quanto senão vem, & logo se estragaõ de pois de visto, aquelles rubins artificiaes, & tem artificio, em quanto os nam vem os olhos conservaõse, & tanto que os olhos os vem, estragaõse. Hũa romã cerrada, he rayha dos outros pomos; porém aberta logo descompoem a coroa, aquella coroa com que a omnia a natureza, despedaçase de pois de aberta, em quanto não he vista do olhos, tem toda a graça, & perde toda a graça de pois de vista.

Tal he a virtude de hum espirito religioso, conserva-se em quanto senão vê, deströete de pois de vista. Aquella theãra que apura o merecimento na clausura escondida à vista dos olhos, artificialmente senão cahê de pois de manifesta. Não ha de ver, nem ser vista hũa alma, que se determina servira Deos na Religião, & pera isto considero ainda duas conveniencias. He conveniencia de hum espirito religioso o não ver, & he conveniencia o não ser visto. He conveniencia de hũa Religiosa o não ver o mundo, & he conveniencia que o mundo a não possa ver. A conveniencia de não ver o mundo, este discurso o prova. Nada não tem que ver, & se o mundo he nada, nada ha que ver no mundo, porque as vistas do mundo não são nada.

Muth.ca. 4 O Demonio mostrou a Christo todos os Reynos do mundo: *Ostendit ei omnia regna mundi.* & eu não sei como tolo o mundo podia ser mostrado do Demonio. O mundo sendo globo subllunar, nam pode de hum só lugar verse, nem com hũa só vista penetrarse, pois como mostrou o Demonio a Christo o mundo pera o ver em hum só lugar, sendo que de hum só lugar o mundo não pôde verse. O interprete que explicão este lugar dizem, que mostrou o Demonio a Christo hũa chymera do mundo, hũa espe-
cie

cie mundana. Bem, mas como diz o texto que lhe mostrou todo o mundo, se a chymera he nada, diga o texto que lhe mostrou o nada mundano, & não affirme que lhe mostrou tudo o do mundo: *Ostendit ei omnia regna mundi*. Antes por isso lhe mostrou todo o mundo, porque lhe mostrou hum nada mundano, que se todo o mundo he nada, todo o mundo propoz a Christo neste nada que lhe mostrou o Demonio. Senão adverti, que o Demonio cançoite era mostrar a Christo o mundo, *ostendit ei*; & não temos que Christo o visse, nem tinha Christo que ver em sujeito que era tão nada.

Cita in serm. I. quadrag.

E se Christo nam tem que ver no mundo, hũa Religiosa esposa sua no mundo não tem que ver, nem nella ha de ser vista, & he a segunda conveniência. Não ha de ser vista hũa Religiosa, porque todos os do mundo são olhos humanos, & quem se determina a seguir a Deos, ha de só verse nos olhos divinos, & pera ser bem visto dos olhos divinos, deve fugir de ser visto dos olhos humanos.

Ne aspiciat me visus hominis, dizia o Santo Job, eu não quero que me vejam os olhos dos homens, & como nam quer Job ser visto de nenhuns olhos; se ha olhos de homẽs tyrãnos, tambem ha olhos de homẽs piedosos, diga logo Job, que nam quer que o vejam os olhos dos homẽs, donde a tyrãnia mora, q̃ quer que o vejam os olhos dos homẽs, donde a piedade habita, pois como diz que o nam vejam absolutamente os olhos humanos? Sabeis porque? Porque queria só verse nos olhos divinos, *occuli tui in me*, & achou como experimentado, q̃ pera verse nos olhos divinos, era necessario que o nam vissem os olhos humanos: *Ne aspiciat me visus hominis, oculi tui in me*.

Job cap. 2. vers. 8.

Huma Religiosa ha de sollicitar verse nos olhos de Deos, & pera verse nos olhos de Deos, nam ha de ser vista dos outros olhos; não hade hũa Religiosa ver, nem ser

vista, & ambas as obrigações se justificão, antes se aprendem à vista de Deos Sacramentado, porque os espiritos que assistem a Deos no Sacramento, nem devem ter olhos pera ver, nem devem ser vistos de nenhuns olhos.

Os Seraphins que vio Isaías assistir no trono de Deos têm seis azas: *Seraphim stabant super illud sex ala vni, & sex ala alteri*, todas as seis azas têm seu misterio, porque todas têm seu exercicio, com duas voavão, *duabus volabant*; com duas cobrião os pés: *duabus velabant pedes*, com outras duas cobrião o rosto: *duabus velabant faciem*. O trono de Isaías, he figura do Sacramento, isto sabem todos, & que pera crer o misterio de Deos Sacramentado, não valem os olhos, isto disserão alguns; porém eu nesta explicação tenho a minha duvida. Que pera o Sacramento não sirvaõ os olhos, a Fè o ensina, porque os olhos não vem a Deos no Sacramento, porém as azas destes Seraphins, não só lhe tapavaõ os olhos, mas cobriaõlhe a cara: *Velabant faciem*. Oh que cara, & olhos, lhe deviaõ cobrir as azas, pera ser azas de Seraphins, porque se estes Seraphins assistiaõ a Deos Sacramentado, não só haviaõ de ter olhos cubertos pera não ver, mas haviaõ de ter a cara tapada pera nam serem vistos; pera nam ver bastava huma penna que lhe cobrisse os olhos, pera não ser vistos, eraõ necessarias duas azas que lhe tapassem a cara: *Duabus velabant faciem*.

Bernard.
serm 50.
de verbis
Isaya.

Estremada lição pera hum espiritu que se determina a servir a Deos na Ordem Seraphica, & que á vista de Deos Sacramentado professa pera Seraphim: professar pera Seraphim, & celebrar diante deste Trono divino a profissão, he obrigarse a ter azas, não só pera cobrir os olhos, mas pera encobrir a cara, cobrir os olhos pera não ver, encobrir a cara pera não ser visto. E se o cobrir os olhos, & o encobrir a cara custa muitas penas, pera a fabrica

brica das azas, com estas penas, & com estas azas se voa
 pera o merecimento, & ao merecimento hade correspon-
 der o premio. Formemos mais legal o discurso nesta ma-
 teria. Em não ter olhos pera ver, & em não ser vista de
 nenhuns olhos consiste o merecimento (ao menos a ma-
 yor parte) de hũa Religiosa, & espera tanto prêmio a tan-
 to merecimento, que até no proprio merecimento, acho
 eu que consiste o premio.

Beati eritis, diz Christo a seus discipulos, Beati eritis cum vos oderint homines, & persecuti vos fuerint. Então *Luce ca. 6.*
 discipulo meus fereis bemaventurados, quando vos virdes
 perseguidos. As palavras sam muito claras, porèm o mis-
 terio dellas tem muito que entender. Bem vejo eu que na
 perseguição dos homens, consiste o merecimento dos ju-
 stos, mas não sei em que circumstancia consista a Bēaven-
 turança na perseguição. A perseguição caminha he pera
 a Bemaventurança, mas a Bemaventurança não consiste
 na perseguição: ser bemaventurado hum Varaõ Aposto-
 lico quando he perseguido: *Beati eritis cum vos oderint ho-
 mines, & persecuti vos fuerint;* isto como pôde ser? Como
 pôde ser? Com esta razão. A bemaventurança he o pre-
 mio dos justos, & se na perseguição consiste o seu mereci-
 mento, nesse merecimento também consiste o premio; lo-
 graõ os justos hum grao de premio, no passo em q obram
 hum acto de merecimento, porque pellos actos de mereci-
 mento se medem os graos de seu premio.

Em tres actos se conta o merecimento hoje desta es-
 posa de Deos, & a estes tres actos de merecimento corres-
 pondem hoje tres graos de premio, os tres actos de mereci-
 mento pezaõse em tres votos que offerce, & os tres
 graos de premio, medemse em tres privilegios que logra
 os tres votos q offerce, sam os votos da sua ordem, os tres
 privilegios que logra, sam os privilegios da sua profissam;

pera isto havemos de credit tres circumstancias que nella concorrem. Nesta profissão ha tres circumstancias; a saber, o dia, a regra, & a assistencia; o dia em que esta Religiosa professa, a regra que professa, & diante de quem professa: o dia em que professa he dia de S. Ioseph, a regra que professa, he a regra de S. Francisco meu Padre, & diante de quem professa, he de Deos Sacramentado. Pois Deos Sacramentado, S. Francisco, & S. Ioseph, hande testemunhar no premio, & no merecimento desta Religiosa, & hande justificar que no seu merecimento consiste o seu premio, & sendo tres os votos, tres deviaõ ser as testemunhas, & assi S. Ioseph ha de justificar a castidade, porque na castidade apurou o credito, Iyrio da castidade lhe chamou Ruperto: *Vere ambo lilia Maria, & Ioseph.* S. Francisco ha de justificar a pobreza, porque da pobreza logrou a paternidade: *Pater pauperum,* lhe chama Igreja; Christo ha de justificar a obediencia, porque na obediencia eternizou a duraçam: *Factus obediens usque ad mortem,* disse São Paulo, em cada exemplar destes veremos o merecimento, & veremos que no merecimento consiste o premio.

Rupert. lib.
2. de gloria
filij homi-
nis.

In hymn.
solemn. B.
P. N. Frãc.
D. Paul. ad
Phelip. c. 2

Em S. Ioseph esteve em seu ponto o merecimento da castidade, & no mesmo acto do merecimento consistio o premio; construamos isto melhor. O merecimento de hũa casto consiste em se negar às operaçoens humanas & o premio será ou pòde ser o vestio as propriedades angelicas; & S. Ioseph no acto, & no tempo, ou no mesmo tempo, ou no mesmo acto em que se negou às operaçoens de homem, vestio as propriedades de Anjo; & taõ Anjo foi S. Ioseph, que o escolheu Deos por Anjo de sua guarda, as se S. Ioseph foi casto, havia S. Ioseph de ser Anjo.

Hum caso propuzeraõ os Saduceos a Christo de se casar com hũa mulher, preguntado noq dia

dia da Resurreiçãõ (que elles negavaõ) qual havia de ser o seu e ipolo? *Exant autem apud vos septem fratres, &c.* Math. c. 82
 ao que responde o Senhor: *Neque nubent, neque nubentur, sed sunt sicut Angeli Dei in Celo.* Não dia da Resurreiçãõ, não haverá mulher que se deipoze, não haverá esposo que se case, & a razão disto he, porque todos serão como Anjos: *Sed sunt sicut Angeli Dei in Celo.*
 E como hao de ser Anjos, ou em que hao de mostrar as propriedades Angelicas? Em que? Em serem castos, & no mesmo acto em que hum sujeito se nega pelo merito da castidade ás operaçoens humanas: *Neque nubent, neque nubentur.* Veste como premio a este merecimento as propriedades Angelicas, *sed sunt sicut Angeli.* Tudo disse S. Cypriano: *Cum iusti perseveratis, &c. virgines Angelis Dei estis aequales; servate virgines, &c. servate quod esse cepistis, servate quod eruis.* Não sei eu certo, q̃ palavras dissesem melhor com o acto. Falla o Sancto com os espiritos dedicados a Deos, & aponta-lhe o premio, quando lhe peza o merecimento: *Cum casti perseveratis, &c. virgines, eis e merecimento: Angelus Dei estis aequales,* eis o premio. E tanto consiste o premio no merecimento, que o mesmo he ser no merecimento casto, do que ser no premio Anjo. Isto he quanto à castidade, & quanto à pobreza, folisitem os exemplo em S. Francisco, *non habentes, &c.*

S Cyprian.
de habitu
Virgin.

2. 1. ad Cor.
cap. 6.

O merecimento de hum pobre, consiste em nam ter nada no mundo: *Nihil habentes, &c.* o seu premio seja o logar tudo o do Celo; *& omnia possidentes,* bastava este texto commum para provar esta verdade, mas esta verdade confirmase com muitos textos particulares, confie cremus hum de S. Pedro. *Non habentes, &c.*
 Entrou S. Pedro no templo de Hyerusalem a tempo em que a porta lhe pedio hum pobre esmola, ao que respondeo Sancto todo Apostolico, & todo Francisco
 Argem

152
20

act. 3. *Argentum, & aurum non est mihi, quod autem habeo hoc tibi do.* Eu não tenho ouro, nem prata, porém o que tenho isto te dou. Muito patente, está a dvida. Se Pedro tinha deixado tudo o do mundo, pera pessãoir: *Ecco nos reliquimus omnia*, como agora tem ainda alguma coisa, pera dar? *Quod autem habeo, hoc tibi do*, porque se tem alguma coisa, pera dar, parece que nam deixou tudo, pera pessãoir. Quem dá, dá o que pessão, porque quem nam pessão, nam tem que dar, como tem logo Pedro alguma coisa, pera dar? *Quod autem habeo, senam tem nada, pera pessãoir: Ecco nos reliquimus omnia.* Vejamos o que Pedro dá, logo veremos o que tem que dar: *In nomine Iesu surge, & ambula*, tem Pedro os poderes de Deos, com que dá saúde ao enfermo, que senam tem nada do mundo, pera pessãoir: *Ecco nos reliquimus omnia*, tem tudo o do Ceo, pera dispensar: *Quod autem habeo in nomine Iesu surge, & ambula.* Ouve outra vez a Sam Cypriano, que se responde pella castidade, também responde agora pella pobreza: *Hinc discimus de nobis removere cupiditatem habendi, propterea enim abundasse Petrum bonis spiritualibus, ac tanta miraculorum potestate.* Estremada ligam, pera deixar tudo o do mundo, porque por Pedro, deixou tudo o do mundo, logo Pedro, tudo o do Ceo: *Propterea enim abundasse Petrum bonis spiritualibus, ac tanta miraculorum potestate.*

S. Cyprian.
tom. 1. lib.
1. de clerico
cap. 26.

Porém deixemos a Pedro, olhemos, pera Francisco. Quem mais que Francisco, pobre na terra? Quem dos Santos, mais rico no Ceo, que Francisco? Nam fallo na graça, fallo na providencia; Francisco he pay dos pobres, & tam pobres, que segundo as posses do mundo, não tem nada, mas segundo as providencias de Deos, logtão tudo a influxos do Ceo; porém tudo havia de logtar Francisco do Ceo, pois nam quiz Francisco, nada do mundo

mundo. Isto he quanto à pobreza; & quanto à obediencia; solicitemos o exemplo de Christo que assiste no Sacramento.

O merecimento de hum obediente, consiste em mostrar a vontade sujeita: *Per obedientiam voluntas propria maifestatur*. Disse San Gregorio; & se o merito consiste no obediente em mostrar a vontade sujeita, o premio será, ou pôde ser a graça de sujeitar as vontades; & o sujeitar as vontades alheas, he effeito de sujeitar a vontade propria.

Si exaltatus fuero à terra omnia traham ad me ipsum, Ioan. c. 12. dizia de si Christo, quando eu me levantar, ou for levantando da terra, entam trarei tudo a pos mim. Bem sei eu, que he pedra iman no attrahir aquelle a quem alevantou a fortuna, a hum cahido todos o deixaõ, a hum levantado todos o seguem; porèm em Christo nam val esta rezam, porque a Christo nam o levantou a fortuna na vida, levantou o a enveja na morte: *Hoc autem dicebat significans quæ morte esset moriturus*; pois que privilegio logrou Christo na morte, que nam lograsse na vida? Como nam em a vida, mas em a morte trouxe a pos ty tudo: *Omnia traham ad me ipsum*. Nam estais já no cazo de Christo na morte da Cruz, pello acto da obediencia: *Factus obediens usque ad mortem, mortem autem crucis*. Mostrando a vontade sujeita: *Non fiat sicut ego volo, sed sicut tu*, justificou o merecimento da obediencia, & neste acto de merecimento de obediencia, mostrando a vontade sujeita, apuro o premio de obediente, sujeitando as vontades, a vontade sujeita no obedecer: *Non fiat sicut ego volo*. Sujeitou a vontade na graça do attrahir, *Omnia traham ad*

Jan. ca. 6.

Vejam os tudo isto no Sacramento. No Sacramento: fugeita Deos as vontades: *Quid manducat meam carnem, & bibit meum sanguinem in me manet*, & mostra Deos a vontade fugeita, *& ego in illo* antes eu vuido que fugeita as vontades dos homens neste Sacramento, *in me manet*, porque neste Sacramento mostra a vontade fugeita, *& ego in illo*. Demais que o Sacramento he hũa repetiçaõ da morte de Christo: *Hec quotiescumque feceritis in mei memoria facietis*. E se Christo na morte fugeitou as vontades, porque mostrou a vontade fugeita, o que obrou na morte, obrou no Sacramento; & se apurou o merecimento de obediente em mostrar a vontade fugeita: *Non fiat sicut ego volo*, justificou o premio em fugeitar as vontades: *Omnia traham ad me ipsum* tirar a baixo ad sup. *Oh* Esposas de Deos, õs almas religiosas, bem sei eu as penas em que se funda o merecimento q' mas tambem vejo as azas com que se voa ao premio, antes julgo que no mesmo premio consiste o merecimento, porque se o mayor merecimento de huma serva de Deos se funda em tres votos, o premio em tres privilegios se funda, & correspondendo se os graos do premio, com os graos do merecimento; na graça do merecimento, se funda a graça do premio. Oh que justificado premio! Oh que ditoso merecimento!

Mas não nos leve todo o tempo o merecimento das Esposas de Deos, fallemos tambem na fortuna desta alma, que hoje offerece a Deos a mão de esposa, porque se vistes o premio do seu merecimento, tambem quero que vistes o premio de sua fortuna. Fortuna he nos filhos o vejam nos pays, assi como he dita nos pays o terem bõs terem bõs. Religiosa logrou a fortuna de ter pays de quem filhos. Esta se quem herdou o sangue, & de quem herdou o valor, e as não nos espinhemos nestas silvas, herdou a virtude. basta

basta que Deos lhe colhesse as rosas, basta que se acolhessem rosas pera Deos, ou basta pera seu credito que offercessem a Deos taõ bella rosa. Que saõ rosas as flores das silvas, que saõ as silvas os troncos das rosas, & se a fortuna deste spiritu religioso consistio em ter tais pays, se a sua fortuna consistio em ter huma mãy que a offerceco a Deos, o premio desta fortuna consiste em consignarlhe Deos por premio sua mesma Mãy.

Ao Evangelista a signou Christo por Mãy a sua mesma Mãy: *Ecce Mater tua*. Venero por notavel o favor de Christo; porèm eu tambem quero que fosse premio ao merecimento do Evangelista, & nesta suposiçãõ se me offerce a duvida. Se Christo dà sua Mãy a Ioaõ por mais amado: *Quem diligebat Iesus*, tambem a merecia Pedro por mais amante: *Domine tu scis, quia amo te*, porq̃ o ser mais amado he fortuna, & o ser mais amante he fineza, pois como val menos neste cazo a fineza de Pedro, & val mais a fortuna do Evangelista? Responderei pello Evangelista, de quem sempre a minha devaçãõ fez as partes. O Evangelista se o considerais bem, logrou a fortuna de ter hũa Mãy que o offerceco a Deos, & pera consignar o premio desta fortuna, concedeo-lhe sua mesma Mãy: *Ecce Mater tua*. O nome desta Religiosa he Brites, & sobrenome ha de ser da Madre de Deos, & acho eu que lhe concedeo Deos este nome, porque lhe olhou o credito, vio a fortuna, & determinou o premio; a fortuna de ter hũa mãy, que logo nas primeiras Auroras da vida, a offerceco a Deos, compensou Deos com o premio do nome de sua mesma Mãy, hade chamar-se Brites da Madre de Deos. E se no amparo de taõ grande Mãy se asseguraõ as fortunas de taõ grande filha, espero eu, antes o presumo, que o valor, o sangue, & a virtude que lhe grangeou a fortuna de taõ bons pays, se augmente com novos

Ioan. 19.

Ioan. 15.

D

(timbres,

timbres, com novos esplendores, com novos creditos, no premio de taõ divino Esposo, por cuja conta correm as dispensaçoes da graça, & as esperanças da gloria: *Ad quam nos perducatur ille qui cum Patre, & Spiritu Sancto vivit & regnat in sacula seculorum. Amen.*

Finis Laus Deo Virginique Matri, atque
Beato Parenti nostro Francisco.

